

SBH
D3A α 21
(148)

MAM6212

São Paulo, 14 de maio de 1962.

Senhor Diretor,

Acuse recebimento de seu officio nº 1218/62, de 3 de maio, com es-
dados referentes ao planejamento da Cidade, na parte museográfi-
ca, inclusive duas plantas do Campus.

Agradecendo o envio do material, passe a expôr a V.Excia. as conside-
rações que o mesmo me sugeriu, juntamente com as preciosas infor-
mações constantes de seu officio.

I- Não está claro o número exato de museus previstos, nem as
suas diversas categorias e especializações. Estão, contudo, men-
cionados, "museus didáticos" nos departamentos de Antropologia,
Sociologia, Geologia, Anatomia etc! Quer isso dizer que haverá
"museus didáticos" para cada um desses departamentos? A pergunta
é importante, porque depende da resposta opinar-se sobre a sua
localização e edificação.

II- A primeira condição para pensar-se em construir edificio no
local para este ou aquele museu é que já haja coleções de objetos
ou de obras a abrigar. Todos os museus departamentais didáticos
previstos já contam com as respectivas coleções? A mesma interroga-
ção, aliás, deve ser estendida ainda com maior razão aos museus
de caráter geral em vista. É principio básico, elementar, de mu-
seologia que não se deve construir qualquer unidade, por mais sim-
ples que seja, antes de se saber o que vai conservar e abrigar.

III- Os museus didáticos ou especiais se destinam a público espe-
cial, geralmente estudantes e professores do mesmo ramo de ensino.
Não se destinam, precipuamente, ao público em geral, e daí poderem
ser instalados em dependências onde funcionam as grandes disciplinas
correspondentes. As coleções desses museus não precisam ser vastas,
pois tem por função iniciar o estudante no conhecimento, ao vivo e
dinâmico, das ciências que são objeto de seus estudos.

./.

MAM6212/2

Devem, porém, ser cientificamente classificadas, selecionadas e especificamente expostas, de modo a que os ensinamentos a serem extraídos delas, bem como as experiências e questões candentes no campo de sua especificidade científica, possam ser colocados de modo mais concreto possível, pelo manêje direto e simples de seus materiais e objetos. Daí não deverem essas coleções ser expostas em promiscuidade com outras, de natureza científica diferente, ou de modo a embaralhar as questões e ensinamentos na mente dos estudantes ou pessoas que as visitem para estudo. Por exemplo, nos setores 16 e 17, respectivamente Instituto Butantã e Escola de Policia, os museus previstos, por sua especificidade mesma, não podem ser conjugados. Não se podem, tampouco, conjugar ou reunir museus didáticos de conjuntos tão diferentes como os de Antropologia e Sociologia, Anatomia, Geologia ou industrial (ver planta

IV- Hoje em dia a tendência predominante no terreno museográfico é o de dividir os museus em três ou quatro grandes categorias. Vejam-se, por exemplo, os museus de história. Os especialistas neste ramo admitem, hoje, que o Museu de arqueologia pode ou deve fazer parte dos museus de história, embora constitua um grupo particular, definido pela natureza e condições de suas descobertas e achados, e da reunião de material que lhe diz respeito. A excavação, diz o prof. Rivière, é o meio por excelência desse grupo, e tem no museu o seu melhor enquadramento; " e essa circunstância aproxima os museus de história dos museus de arqueologia, dos museus de etnografia e de ciências naturais".

V- Pode-se, assim, encarar para a Cidade Universitária um grande museu de história que se ligue às coleções de arqueologia e etnografia, desde que haja, de antemão, coleções suscetíveis de serem abrigadas por uma vasta unidade arquitetônica adequada. Neste caso o plano de um museu dessa categoria poderia ser estudado nos quadros de planejamento geral, que agrupa, " em termos setoriais, as atividades afins, independentemente das Escolas ou Faculdades". A questão importante seria, então, onde localizar um tal museu. Parece-nos que o local ideal seria ali onde pudesse abranger a maior superfície dos setores afins, de n^{os} 24, 23, 21 dentro da área maior assinalada em vermelho como setor 7. Neste grupo poder-se-ia até abranger o grupo de antropologia e mesmo sociologia, parte integrante que é das ciências do homem. (ver planta).

./.

SBH
33/4 P27
(OP)
3-8

SBH
33/4 ex 21
(3/8)

MAM6212/3

VI - Outra categoria de museu que poderia abranger todo um grupo próprio seria o das ciências naturais, assinalado pelos seteres nºs 22,13,12,etc. encravados na área assinalada em vermelho como seteres 5,10 e 7.(ver planta).

VII -Resta tratar agora do seter 13, correspondendo ao Centro de Cultura da Universidade e do seter 12, Conjunto de Museus da Universidade. A primeira observação a fazer é relativa à indicação de um "Cinema de Arte" entre outras unidades como Biblioteca Central, Aulas Magnas, Dependências da Reitoria e do Conselho Universitário.

A concepção de um "Cinema de Arte", isolado, não é clara. Que se entende por cinema de arte? Um cinema especializado em filmes sobre arte? (nos moldes dos dedicados a filmar os monumentos arquitetônicos, as obras primas da humanidade?) ou de arte no sentido de ser concebido com finalidade puramente estética, não comercial, isto é, de só passar filmes consagrados pelo seu valor artístico, como, por exemplo, uma peça teatral de altas pretensões é uma "obra de arte?" Conforme demonstra a experiência, dificilmente uma sala de cinema poderá manter-se, isoladamente, com finalidade especializada: pouco a pouco, por imposição mesma das necessidades de manutenção, ela acaba deixando abrir brecha na exclusividade seletiva de seu programa e aceitando também filmes comerciais, destinados à distração da massa. Sendo assim, a pratica no futuro poderá entrar em cheque com o título restritivo de cinema projetado. Mesmo nêstes casos, entretanto, uma sala de projeção cinematográfica a mais nunca é exorbitante, pois, num centro urbano em formação como a Cidade Universitária, vai-se precisar não só de uma mas de muitas salas cinematográficas. A sala projetada, ao que nos parece, situada na planta dentro da grande área 13, verá com o tempo sua função social predominar sobre a puramente artística cultural. Nessa previsão, o projetado "Cinema de Arte" deverá estar mais próximo, dentro da grande área 13, do seter 4 (convivência social, centro comercial, hotel, etc. (ver planta).

Convém, desde já, chamar a atenção do eminente diretor do Fundo para Construção para o fato de que o Museu de Arte Moderna de São Paulo, cujo prédio deverá ser construído na Cidade Universitária de acôrde com a decisão favoravel do Conselho Universitário, estaria, certamente, localizado, pela natureza mesma de suas funções, na área 12, do seter 5(o core da cidade). Ora, o Museu, por suas funções precípua, é

MAM6212/4

o maior centro de experiências e pesquisas culturais e artísticas que se conhece, pois constituído de um conjunto de atividades culturais e artísticas, as mais gerais e universais. O Museu deve comportar além de salas de exposições, de aulas, de pesquisas em todos os domínios artísticos, também um setor cinematográfico.

Dispõe desde já de excelente conjunto de aparelhagem cinematográfica, já trabalha o Museu nêsse sentido com a Cinemateca Brasileira para a projeção de programas cinematográficos sistemáticos, visando a cobrir todas as atividades criativas de cinema, desde "filmes de arte", isto é, filmes sobre monumentos e obras importantes historicamente falando, a filmes educativos, filmes de alto valor artístico e experimental, por sua natureza, fora de circuito comercial, ou consagrados à história evolutiva da sétima arte, além de documentários de significação cultural, científica, antropológica, estética, etc. O Museu é a casa adequada para tais atividades e, sendo a organização no gênero, mais aberta, poderá, mais facilmente, manter e ampliar um programa cultural e artístico no domínio de cinema que uma simples sala de projeções, por mais adequada e ambiciosa que seja.

Gordon Mirams, chefe do Departamento de Comunicação de Massa da Unesco, especialista no assunto em pauta, ao tratar do papel de filme de arte em relação ao Museu de arte, distinguiu três funções essenciais para o Museu: 1) De filme como meio de auxiliar a interpretação, a apreciação, a vulgarização das artes plásticas; 2) da utilização, nos quadros do Museu, com fins puramente educacionais, de filmes não apenas de arte, como também científicos e documentários, de interesse geral, educativo e instrutivo." O Museu, diz Mirams, é o lugar particularmente indicado para desempenhar êsse papel", uma vez que as pessoas que o visitam lá vão precisamente para instruir-se, constituindo, assim, um público idealmente receptivo para êsse fim. A terceira função essencial do museu é de fornecer, onde não existam, os recursos de ordem prática, tais como materiais de projeção, salas disponíveis, coleções apropriadas em meio às quais os grupos podem reunir-se para ver os filmes, estudá-los, discutí-los, não somente num décor mais ajustado e, principalmente, num ambiente cultural e artístico mais geral e complexo e dando as possibilidades imediatas de um cotêje entre o filme exibido e as obras plásticas, no original e ao vivo.

MAM6212/5

VIII - O Setor 12 é a parte de grande área do Centro de Cultura e Cívico da Cidade Universitária. Seria interessante saber com mais precisão da parte do total dessa área reservada ao chamado Conjunto de Museus da Universidade. Antes de mais nada é necessário saber-se de quantos museus se constitui o mencionado "Conjunto". Outra questão é saber a que grandes categorias pertencem esses museus. Este último ponto é importante pois não se pode, na boa técnica museográfica, reunir num só conjunto grandes museus ou mesmo museus não muito grandes, mas pertencentes a categorias diversas.

Museus podem, em princípio, estar reunidos ou abrigados sob tecto contínuo. Mas isso só se justifica se seus objetivos não colidam, suas coleções não criem o caos e a confusão em vez de clareza e harmonia, quando postas umas ao lado das outras, divididas apenas por precárias vedações. A cacofonia surgirá mesmo se a separação entre elas não for de simples parede, mas de tecto. Uma vizinhança muito próxima demais entre museus antagônicos pode dar o mesmo resultado.

O segredo do Museu reside, fora das suas coleções, na apresentação. Esta se distingue por dois tipos bem característicos: um, destinado ao grande público; e outro, a um público especializado.

Num tipo de apresentação predomina a preocupação seletiva e didáctica: os materiais são em geral ordenados em torno de grandes temas. No outro, predomina a ideia de um máximo de materiais para facilitar ao público o seu acesso, sem que, entretanto, com isso, se dissolva, nesse máximo, a possibilidade dos objetos em particular serem distinguidos.

Em certos grandes museus pode-se realizar os 2 tipos de apresentação, por meio, de circuitos separados ou no interior de um mesmo circuito. Em geral, cada especialista quer fornecer as maiores facilidades possíveis para os visitantes especialistas poderem consultar, diretamente, os materiais, guardados em reserva pelos grandes museus.

Nota-se, hoje, papel crescente da apresentação histórica, mesmo nos museus não propriamente de história. E nesse sentido, ou parte dos materiais se apresenta, em determinada, particular, perspectiva histórica, ou elementos programados são situados num contexto histórico mais amplo. Entram no primeiro caso, os museus técnicos, quando, por exemplo, apresentam tal ou qual espécie de materiais contemporâneos, em função dos antecedentes da era industrial, ou seja da era artesanal.

Quanto aos museus de arte, estes, em geral, se propõem situar parte

584
D3/4 21
(6/8)

MAM6212/6

pele menos de seu acêrve, mediante exposições especiais ou paralelas, nos quadros históricos em que foi ela criada, desde que, nos diz um mestre na técnica presentativa, "tudo isso se faça com a discrição que a presença radiosa das obras primas impõe". Dai o fato de ser entre todas as categorias de museu, e de arte e que mais pode sofrer das vizinhanças heterogêneas.

O segredo, pois, de toda apresentação, além de seu enquadramento técnico e instalações, é de distinguir no total do acêrve os grupos e objetos organicamente afins, seja em função do espirito do tempo (Zeitgeist) ou das origens históricas. Ha de se distinguir os objetos de uma coleção, envolvê-los numa atmosfera homogênea, evitar o caos das contradições de época ou de tendências e significações, das vizinhanças cacofônicas.

Se não se obedecer a tais critérios de articulação presentativa e de distinção em espécies, não se alcançará o primeiro objetivo didático da apresentação que é comover o grande público, dar-lhe uma impressão global do conjunto de uma época, de um estilo, ou mesmo da obra de um grande artista.

É preciso preservar o público das impressões confusas e caóticas. Um visitante que sai das salas dum museu de arte, por exemplo, com idéias embaralhadas, misturadas, em virtude de erros presentativos ou de um excesso de exposições de toda ordem, em que o impacto de uma mostra, digamos, barroca, impressionista ou cubista de pintura é, imediatamente, destruido pelos efeitos quasi simultâneos de uma visitaçõe, numa porta ao lado, a exposições outras, como, por exemplo, de indumentária imperial ou de mostruario mineralogico, deseduca-se o visitante. Assim, se contraria, frontalmente, a finalidade suprema do museu, -educar. Educar, a grande tarefa do museu, educar, distraindo; instruir, encantando, proporcionando experiências para enriquecer, interiormente, o que as sente e faz.

Eis aí, porque é tão importante o modo de como as obras de um museu são apresentadas. Pela ordem em que é feita a distribuição dos objetos, o público é levado a ver e a notar, especialmente, esse ou aquele aspecto, esse ou aquele contraste ou analogia; a refletir nessa ou naquela sugestão, nascidas do conjunto exposto. Em suma, a mostra deve ser um convite a novas visitas de espectador, para precisar ou aprofundar as impressões da primeira visita. Se um museu, como manda a técnica, "deve dar uma imagem tão completa e tão exata quanto possível da especialidade a que se dedica", impõe-se um cuidado muito sério quanto ao ambiente em que é colocado, quanto aos arredores que o vão envolver.

MAM6212/7

Nada deve perturbar -sobretudo violações do ambiente-êsse objetivo fundamental do museu, assim formulado por eminente museólogo: "O Museu deve estimular, através suas mostras, o desenvolvimento do pensamento". Tudo que, direta ou indiretamente, leve a esmerecer êsse estímulo deve ser evitado.

IX -A tarefa educacional dos museus modernos de arte, por sua natureza capital, mereceria agora considerações especiais. Mas não podemos mais tratá-la aqui. Baste-nos, apenas, acentuar a sua importância, e afirmar que é próprio dêsse museu tãda uma técnica especial educativa que uma grande autoridade chamou de "terceiro meio de aprendizagem", e reputa "a mais apropriada à educação do público". Esse meio difere tanto das velhas técnicas acadêmicas dos livros e das conferências, eficazes apenas para uns poucos, quanto das novíssimas, que são as técnicas mecânicas de filme, de rádio, da televisão. Estas, tão apropriadas à moderna sociedade industrial de massa, são indispensáveis pelo impacto e o formidável poder de alcance e extensão que têm, mas trazem em si um perigo, aliás, inerente às características mesmas daquela sociedade: é o de acentuar o papel crescentemente passivo do indivíduo no processo de aprendizagem. Tende-se a abelir o esforço individual na conquista dos conhecimentos.

Eis porque Melly Harrisen destaca êsse terceiro caminho, que vem retificar, precisamente, êsse perigo de passividade. Ele se caracteriza por ser um processo visual, ativo, prático, que só a técnica do museu moderno pode oferecer. "O Museu, diz ela, por sua natureza mesma, deveria, ser o próprio solo germinatório de experiências nessas novos métodos de educação; seu objeto primordial não é só de ser mas de dar, à margem da educação formal, uma contribuição prática para a solução dos múltiplos problemas resultantes do presente desentendimento da família humana".

No nesse humilde parecer, no seter 12, (ver planta) pelas considerações acima expostas, não deveria situar-se um "conjunto" de museus, mas um museu apenas, e pertencente, por sua natureza e finalidades, a uma das suas grandes categorias, isto é, um museu universal, dinâmico, moderno, destinado à arte contemporânea, sob tãdas as suas modalidades, que atuaria como museu-acôrve e museu-instituto de arte, educando e comovendo o grande público e servindo e formando um público restrito, especializado.

SBH
D 3/4 α 21
(8/8)

MAM6212/8

Nenhum instituto poderia estar melhor situado no core da Cidade Universitária de S. Paulo, responsável por um de seus flancos, vis-a-vis da Biblioteca Central, da Aula Magna e da cabeça dirigente do todo - Reitoria e o Conselho Universitário. Sem mais, apresento a V. Excia. os meus respeitosos cumprimentos,

Mario Pedrosa
Diretor Geral

Exmo. Senhor
Paulo Camargo
Diretor Executivo
Cidade Universitária
C a p i t a l